

*N*o meu sonho, eu estava encurralada. Fechada numa cela, submersa debaixo de água, onde ninguém podia ouvir os meus gritos.

Não havia escapatória; eu conseguia apenas correr de um lado ao outro naquela divisão minúscula, raspar a porta trancada com as minhas unhas, rasgar as cortinas de nylon cor de laranja só para descobrir que, por trás, não se escondia uma janela — apenas um painel de plástico que zombava de mim com crueldade.

Desesperada, tateei à procura de algo, qualquer coisa que me ajudasse a fugir da minha prisão — um pedaço de madeira que pudesse enfiar na porta para a abrir, algo pesado com que arrombar a fechadura. Mas não havia nada — apenas uma tarimba de metal aparafusada à parede e um tabuleiro de borracha no chão.

A porta estava perfeitamente encaixada na parede, embutida com tanta precisão, que não havia a mais pequena fresta em que pudesse enfiar os dedos, ou uma abertura em baixo por onde pudesse espreitar ou gritar.

E enquanto arranhava o plástico impenetrável com as unhas partidas e ensanguentadas, compreendi uma coisa: não havia saída. Eu estava total e definitivamente encurralada. E tomar consciência disso ameaçava esmagar-me.

Foi um alívio enorme quando acordei. Fiquei ali deitada, de olhos fechados, a sentir os batimentos do coração e o sangue a ribombar-me nos ouvidos. Foi apenas um sonho — o mesmo pesadelo que já tivera vezes sem conta.

Apenas um pesadelo idiota e recorrente — a memória de um horror de que há muito me libertara. Estava segura em casa, onde ninguém me podia magoar.

Só que... estaria eu segura? Ainda antes de abrir os olhos, percebi que algo estava mal. Não me encontrava na minha acolhedora cama em casa, com o meu marido deitado ao meu lado e dois pezinhos de criança a comprimir-me o estômago. Estava sozinha, deitada num colchão fino e rijo, com dores nas costas e na anca. E os sons também estavam desenquadrados — não havia o chocalhar amistoso do nosso velho ar condicionado, não se ouviam buzinas ou o canto das sirenes a cortar a noite de Nova Iorque.

Não, ali, a única coisa que havia era o som metálico de portas a bater, o som de passos, o grito de vozes masculinas exaltadas.

«Se não te acalmares...», ouvi, seguido de qualquer coisa ininteligível.

A minha pulsação começou a acelerar novamente, e sentei-me, abrindo os olhos com uma sensação de pavor à medida que os acontecimentos do dia regressavam em catadupa. Não havia nenhuma janela falsa, nem nenhum painel bege atrás das cortinas de nylon. E a porta não era de plástico. Mas havia uma porta. Era de metal, gradeada. E estava trancada a sete chaves.

O meu sonho não fora um simples sonho. Eu estava presa. Estava fechada numa cela. E não fazia a mais pequena ideia de como sair dali.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

Sustive a respiração ao entrar no quarto. Parecia que tinha rebentado uma bomba. Gavetas viradas ao contrário, o edredão e as almofadas espalhados no chão, uma mesinha de cabeceira de pernas para o ar em cima da cama e cadeiras dispersas como se alguém tivesse andado a jogar *bowling* com elas, derrubando-as como pinos. Havia roupas por todo o lado — na alcatifa, em cima da mesa de cabeceira, penduradas na persiana. A confusão era tal, que eu nem descortinava o tapete. No meio daquilo tudo, estava a *Delilah*, a minha velha gata malhada, a fazer tranquilamente a sua higiene em cima de uma pilha desordenada do que, horas antes, *tinha sido* roupa lavada e dobrada.

Havia apenas duas explicações possíveis. A primeira era que nos tinham assaltado a casa durante a noite e que andaram à procura de alguma coisa com uma determinação assustadora. A segunda era o Judah ter deixado que os rapazes se vestissem sozinhos para a escola, tendo resultado nisto. E eu sabia qual das explicações era a mais plausível.

Suspirando, arrumei as cadeiras no sítio, recolhi o copo do Teddy de debaixo da cama dele e enxotei a *Delilah* de cima da pilha amarfanhada de roupa lavada. Depois, comecei a guardar as peças de roupa do Eli na cómoda. «És inGRRRRível!», dizia uma pequena camisola com capuz que estava em cima do tapete, rematada com um applique de um dinossauro a rugir. Porque é que as roupas dos adultos não continham afirmações assim?

Havia dias em que sentia que precisava do estímulo de um tiranossauro sorridente a dizer que acreditava nas minhas capacidades — e hoje era um desses dias.

— Como correu a entrevista? — O Judah tirou os auriculares e olhou por cima do portátil, enquanto eu pousava o copo de bebé na bancada da cozinha.

Fico sempre animada quando entro na divisão principal do nosso apartamento — foi o fator decisivo que nos convenceu a comprá-lo. É comprida, quase tão comprida quanto o apartamento anterior, com soalho de madeira escura polida e janelas altas com vista para os terraços vizinhos, e hoje era banhada pela luz outonal e por partículas de pó reluzentes.

Quando o comprámos, tinha dois quartos, dos quais um ficou para nós e o outro serviu como escritório/quarto de hóspedes. Mas depois engravidei, e o escritório converteu-se primeiro num quarto de bebés e depois no quarto de dois rapazinhos. Agora, trabalhávamos — bem, o Judah trabalhava — sobretudo a partir da mesa da cozinha num pequeno nicho que se abria para a sala de estar.

Quando cheguei a casa, ele estava embrenhado numa chamada no Zoom, mas logo deu a entender que não se importava que o distraíssem. Abanei a cabeça.

— Correu bem, mas não creio que me escolham. A rapariga que me entrevistou era muito simpática, mas disse-me que eu tinha qualificações a mais... Duas vezes.

— Tradução: não podem pagar o que mereces — disse o Judah, encolhendo os ombros. Levantou os óculos de leitura à altura da testa e rematou: — Eu disse-te que devias procurar algo melhor.

— É bonito de se dizer, mas estou arredada do mercado há bastante tempo. — Procurei evitar que a irritação se me espelhasse na voz, mas não tinha a certeza de estar a ser bem-sucedida. Para o Judah, era fácil falar; conseguira entrar para os quadros do *New York Times*, ainda por cima mesmo antes de a pandemia começar. Saíra-lhe o equivalente à lotaria dos jornalistas, e o facto de ele saber isso não tornava mais fácil parar de comparar os nossos percursos profissionais. — Trabalhos com

contrato sem termo não são fáceis de arranjar, Jude, especialmente para alguém com um hiato de cinco anos no currículo.

— Eu sei — disse o Judah. Levantou-se e veio ter comigo, tomando-me nos braços. — Eu sei, desculpa, não estou a sugerir que há por aí empregos aos pontapés, só acho que... às vezes não te dás o devido valor.

— Eu valorizo-me, acredita. Mas trabalhei muito pouco desde que o Eli nasceu, e para muita gente isso é um grande sinal de alerta.

O Eli não foi propriamente um bebé da pandemia, mas nasceu mesmo antes do confinamento. Nessa altura, eu cavalgava a crista da onda do meu único livro, *Águas Escuras*, que fora um sucesso e que contava a minha experiência traumatizante a bordo de um cruzeiro chamado *Aurora*, nos fiordes da Noruega. O Judah tinha sido contratado como jornalista residente no *New York Times*. Tínhamos comprado um apartamento em Manhattan, no bairro da moda de Tribeca, respaldados pelo adiantamento que recebi pelo livro e pelo novo salário avultado do Judah. O passo seguinte? Certamente, tinha de ser tentar ter um bebé.

Por alguma razão, talvez pela incerteza implícita na palavra *tentar*, assumi que o processo levaria meses, se não anos. Mas o Eli chegou mais depressa do que esperávamos, os cuidados exigidos por um recém-nascido caíram-nos em cima como uma proverbial tonelada de tijolos. Parecia impossível que uma pessoa tão pequenina pudesse causar tanta devastação em duas vidas ordeiras e, para mim, que estava quase a seis mil quilómetros do meu país natal e da minha mãe, foi particularmente duro. Durante algum tempo, as coisas andaram um pouco atribuladas; senti que a minha saúde mental resvalava de novo para um sítio muito escuro, a medicação de antigamente já não fazia efeito e a nova comportava vários efeitos secundários e complicações ao nível da dosagem. Mas, entre nós, as coisas corriam novamente sobre rodas. O *tsunami* hormonal deu tréguas. O Eli adquiriu uma rotina. Eu e o Judah conseguimos fazer com que as coisas funcionassem, e descobri um *cocktail* de antidepressivos que me devolveu o equilíbrio. E então, assim que pus a hipótese de contratar uma ama (ou uma *baby-sitter* interna, como aqui lhe chamam) e regressar ao trabalho, deu-se a pandemia.

De certa maneira, que jamais admitirei em voz alta, fiquei grata por ter acontecido. É claro que foi duro — o isolamento, a preocupação com

a minha mãe lá tão longe no que o *Guardian* apelidava de «Ilha da Peste». Mas, por outro lado, também me libertou — o encerramento de escolas e creches proporcionou-me dois anos maravilhosos em casa com o Eli, sem qualquer possibilidade de procurar trabalho a tempo inteiro, e depois, quando apareceu o Teddy, o relógio tinha voltado ao zero e eu estava de volta à Bebelândia, mas agora com a medicação ajustada e uma melhor compreensão do funcionamento das coisas.

Entretanto, sem sabermos como, já tinham passado seis anos. O Eli entrara no jardim de infância. No ano seguinte, seria a vez do Teddy. O adiamento para o livro tinha sido gasto nas despesas do dia a dia. E tanto eu como o Judah concordámos que estava na altura de apanhar uma boleia para o mundo do trabalho.

O único senão era que estava a ser difícil entrar num carro em andamento.

Eu já fizera bastante trabalhos como *freelance* — alguns nos Estados Unidos, outros para antigos patrões e contactos no Reino Unido. Mas o que eu queria era um vínculo de trabalho, com uma pensão de reforma e seguro de saúde. Pelo menos já obtivera a cidadania norte-americana, o que me dava uma certa medida de segurança. Uma das coisas com que sonhava de forma obsessiva, pesadelos que me deixavam encharcada em suor, nas trevas da ansiedade pós-natal, era que o meu *green card* expirava e que o ICE, o serviço de imigração e fronteiras, me vinha bater à porta. Era um pensamento que me assombrava, por mais que o Judah me dissesse que não iria acontecer — que, sendo eu casada com um cidadão norte-americano e mãe de duas crianças, não me iriam deportar. Porém, mesmo sendo detentora do valioso passaporte americano, continuava ciente de que, se alguma coisa acontecesse ao Judah, eu ficaria basicamente num sufoco. A nossa vida aqui, o nosso seguro de saúde, as prestações da hipoteca, tudo dependia do emprego dele. E eu não queria que fosse assim. E não apenas por mim — também pelo Judah. Eu não queria que o fardo de manter a nossa pequena família à tona assentasse inteiramente nos seus ombros.

Apertei-o mais nos meus braços, repousando a testa por um instante no seu peito largo, depois endireitei-me e sorri.

— Sabes que mais? Vai correr bem. Há de surgir alguma coisa, é só uma questão de ir batendo a várias portas, não é?

— Absolutamente. — Afastando-me os cabelos do rosto, o Judah sorriu-me. — A mim, entrar para o *Times* também me parecia uma miragem, até ter acontecido. És uma escritora fabulosa com um currículo verdadeiramente impressionante. Há de surgir alguma coisa, vais ver. E, entretanto, manténs-te ativa com o que fores escrevendo por conta própria. A porta certa vai abrir-se, tenho a certeza.

— Amo-te, Judah Lewis — disse eu. E sentia o que dizia. Com todo o meu ser.

— Amo-te, Laura Blacklock — replicou ele, fazendo-me aquele sorriso de esguelha que sempre me atraiu nele.

Fitámo-nos olhos nos olhos durante um longo minuto, e eu tornei a pensar, como milhares de vezes antes, em como tinha sorte de estar aqui — com este homem que amava, que ainda me fazia o coração bater descompassado ao fim de dez anos e dois filhos, neste apartamento maravilhoso com que nenhum de nós alguma vez sonhara uma década antes. A minha vida poderia ter acabado no mar da Noruega. Escapei por um triz. Cada dia desde então era uma benesse — porque nunca deixei de me sentir grata.

Separámo-nos ao som do tinido no computador de trabalho do Judah, ainda a sorrir um para o outro.

— Desculpa — disse ele. — É um lembrete do meu calendário. Tenho uma videochamada com a equipa à meia hora.

— Vai lá ganhar dinheiro — disse eu. E depois, ao ver o correio numa pilha em cima da mesa: — Ah, já agora, trouxe o correio. Há algumas encomendas para ti. Acho que são as *t-shirts* que mandaste vir.

O Judah assentiu e começou a remexer na pilha de publicidade, pacotes e faturas, antes de se deter com um resmungo ao ver um envelope grosso com estampagem em relevo, que atirou na minha direção.

— Assumo que seja mais um casamento. Admira-me como é que ainda tens amigas solteiras. Quem é desta vez?

Olhei para o envelope, franzindo o sobrolho. Tinha o aspeto de um convite de casamento — cartão rígido, papel caro em tons creme. E ostentava um selo europeu, mas não era do Reino Unido. Na verdade, não sabia qual era o país. O texto no selo dizia «Helvetia», o que me soava vagamente escandinavo, mas não era um país ou moeda que conhecesse.

Estava endereçado a «Mme. Laura Blacklock» com uma espessa tinta preta e numa caligrafia lindíssima.

Só havia uma maneira de descobrir.

Rasguei a parte de cima do envelope, estremecendo ao cortar-me na aresta dura do sobrescrito, e removi o cartão, lendo-o enquanto chupava o sangue o dedo.

Marcus Leidmann e o Grupo Leidmann
convidam cordialmente
Mme. Laura Blacklock
a assistir à inauguração para a imprensa do
Le Grand Hotel du Lac
Saint-Cergue les Bains
Lago Genebra
Suíça
Segunda-feira, dia 4 – Quinta-feira, dia 7 de novembro
RSVP press@theLeidmanngroup.ch

No verso estava o mesmo texto em francês, e por baixo de ambos um discreto código QR com a legenda *mais informações / plus d'informations*.

O Judah deve ter intuído alguma coisa estranha no meu rosto, porque, quando terminei de ler, ele levantou os olhos, curioso.

— Não é o convite para um casamento?

— Não. É um trabalho de imprensa, na verdade. — Estendi-lhe o cartão, que ele leu e depois apontou para o nome no cimo.

— Já ouvi falar dele. Marcus Leidmann. É CEO do Grupo Leidmann. Sabes quem são?

Aceitei o cartão de volta e abanei a cabeça.

— São uma agência de viagens?

— Eles são tudo, a bem dizer. São a versão mais pequena da Tata Steel, sabes? Começaram com indústria pesada, depois diversificaram, desde ferrovias a comunicações. Mas não sabia que estavam na hotelaria. Deve ser recente.

Encolhi os ombros.

— É capaz de ser boa altura para entrar no negócio das viagens. Com tantos estabelecimentos a abrir falência na pandemia, um investidor mais prudente começa pela base. Bem, parece-me uma ótima oportunidade para alguém ir comer e beber às custas desse tal Marcus.

Ia deitar o cartão para o lixo, quando o Judah me deteve.

— Como assim? É uma ótima oportunidade para ti, se quiseres.

Soltei uma gargalhada.

— E eu lá posso ir para a Suíça, Judah? Quem é que ia levar e buscar os rapazes à escola?

— Hum... eu? — O Judah fitou-me ligeiramente ofendido. — Tal como fiz esta manhã enquanto foste à entrevista, se bem te recordas. Sobrevivemos.

Abri a boca para retorquir que o quarto dos rapazes ficou a parecer um campo de batalha ao fim de apenas *uma* manhã, mas tornei a fechá-la. Não queria ser daquelas mulheres que embirram com os maridos sempre que eles fazem as coisas de maneira diferente. E era capaz de ser bom para os rapazes assumirem um pouco de mais responsabilidade despachando-se sozinhos de manhã — só era uma pena que tivessem destruído o quarto no processo.

— Mas qual é o objetivo, afinal? — perguntei, em vez disso, mudando de tática. — Ninguém me encomendou uma peça. Quer dizer, ia cair bem fazer umas férias sem pagar um tostão, mas é que nem sequer sei se é de graça. Ainda devo ter de pagar pelos voos.

— Primeiro — disse o Judah, enumerando os argumentos com os dedos —, andas a dizer que queres ir ver a tua mãe há uns bons dois anos. Mesmo que tenhas de pagar os voos do teu bolso, é uma viagem à Europa que podes deduzir nos impostos, o que já é alguma coisa. Segundo, aquilo deve estar apinhado de editores e escritores de viagens, pelo que é uma oportunidade excelente de fazeres contactos. Se calhar, até reencontras caras conhecidas. Terceiro, Lo, há *cinco longos anos* que estás enfiada em casa com os miúdos. Se alguém merece umas férias pagas, és tu. É o Universo a dizer-te que tens de aceitar a boleia. E é bastante lisonjeiro que tenham pensado em ti, não achas?

Baixei o olhar para o cartão que tinha nas mãos, agora ligeiramente manchado do sangue que me saía do corte que fizera no papel. A ideia

de rever velhos conhecidos não era, em certos casos, propriamente apelativa, mas os outros argumentos do Judah eram válidos. Era tentador aproveitar para ir ver a minha mãe, viagem que andava a adiar fazia demasiado tempo, e aquela última observação... era inegável que tinha causado impacto. *Era* bastante lisonjeiro que tivessem pensado em mim. No rescaldo da publicação de *Águas Escuras*, eu fora uma pequena celebridade no circuito da escrita de viagens, com um fluxo constante de convites para estar presente na inauguração de tudo e mais alguma coisa, desde novos *resorts* a rotas de comboios de luxo. Durante a pandemia, o fluxo foi diminuindo, chegando a conta-gotas, até secar de vez, e, de certa forma, tinha acabado por não retomar. Mas era agradável pensar que o meu nome continuava a ser invocado, que continuava a fazer parte dos arquivos de contactos das pessoas — se é que alguém ainda usava arquivos físicos.

Sim, *era* bastante lisonjeiro que tivessem pensado em mim. E era um lembrete de que, independentemente de como eu me sentira a seguir à entrevista desta manhã, eu não era um zero à esquerda. Talvez fosse um pouco mais *inGRRRível* do que pensava. E, se calhar... se calhar, o Judah tinha razão. Se calhar, era a forma que o Universo tinha de mo fazer saber.